

DESLOCAMENTOS DO DISCURSO BÍBLICO EM A VERDADEIRA HISTÓRIA DO PARAÍSO, DE MILLÔR FERNANDES

DESPLAZAMIENTOS DEL DISCURSO BÍBLICO EM A VERDADEIRA HISTÓRIA DO PARAÍSO, DE MILLÔR FERNANDES

Thyago Madeira França

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Professor no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás - UEG

thymad@yahoo.com.br

Adrielle Guimarães de Oliveira

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás – UEG

Pesquisadora de Iniciação Científica na área de Análise do Discurso de textos
literários

adrielleguimaraes@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho analisa os deslocamentos do discurso bíblico em *A verdadeira história do Paraíso*, de Millôr Fernandes. Lançada originalmente em 1963, a narrativa reconta o pecado original cometido por Adão e Eva, apresentado pela Bíblia Sagrada. A partir de uma inscrição teórica nos estudos do discurso de Michel Pêcheux, analisamos sentidos relacionados aos processos de memória discursiva sobre o livro da Gênesis e o mito de Adão e Eva, identificando tanto processos de estabilização parafrástica dos já-ditos do discurso religioso, quanto jogos de força que desregulam e perturbam os implícitos bíblicos. Por meio de uma análise linear dos acontecimentos que compõem a narrativa de Millôr, identificamos a presença interdiscursiva de várias formações discursivas que dialogam, mas que também subvertem as escrituras religiosas. Como resultados, identificamos pontos de desregulação que perturbam a rede dos implícitos sobre as escrituras, não necessariamente descredibilizando a história bíblica, mas propondo novas possibilidades de interpretação, a partir de atravessamentos dialógicos e interdiscursivos das FD humorística, literária, publicitária, política e contemporânea.

Palavras-chave: A verdadeira história do Paraíso; Análise do Discurso; Memória discursiva; Discurso literário; Discurso religioso.

Este trabajo analiza los desplazamientos del discurso bíblico en *A verdadeira história do Paraíso*, de Millôr Fernandes. Lanzada originalmente en 1963, la narración relata el pecado original cometido por Adán y Eva, presentado por la Santa Biblia. A partir de una inscripción teórica en los estudios del discurso de Michel Pêcheux, analizamos significados relacionados con los procesos de memoria discursiva sobre el libro del Génesis y el mito de Adán y Eva, identificando tanto procesos de estabilización parafrástica del discurso religioso antes mencionado, como juegos de fuerza que desregula y perturba lo bíblico implícito. A través de un análisis lineal de los hechos que componen la narrativa de Millôr, identificamos la presencia interdiscursiva de diversas formaciones discursivas que dialogan, pero que también subvierten las escrituras religiosas. Como resultado, identificamos puntos de desregulación que perturbam el entramado de lo implícito en las escrituras, no necesariamente

Building the way

desacreditando la historia bíblica, sino proponiendo nuevas posibilidades de interpretación, desde cruces dialógicos e interdiscursivos de FD humorística, literaria, publicitaria, política y contemporánea.

Palabras clave: A verdadeira história do Paraíso; Análisis del Discurso; Memoria discursiva; Discurso literario; Discurso religioso.

Considerações iniciais

122

O presente estudo tem como objetivo principal analisar o discurso literário que se configura em *A verdadeira história do Paraíso*, de Millôr Fernandes, de modo a demonstrar como as formações discursivas que atravessam os dizeres do sujeito-narrador desestabilizam e desconstroem as redes de memória que estabelecem os já-ditos sobre o discurso religioso bíblico. Lançada originalmente em 1963 pela revista *O Cruzeiro*, a narrativa reconta o pecado original cometido por Adão e Eva, apresentado pela Bíblia Sagrada. Trata-se de uma sátira que scandalizou a sociedade brasileira da época tornando-se alvo de críticas e pressão pública, o que causou também, a demissão de Millôr.

O discurso literário que emerge como um acontecimento novo em *A verdadeira história do Paraíso* se ancora na resignificação do discurso bíblico apresentado no livro de Gênesis, por meio de uma releitura cômica. O texto de Millôr é dividido em dois capítulos, o primeiro antes da criação da mulher e o segundo abrangendo de sua criação até a expulsão de todos do Paraíso, que é onde se concentra a grande e impactante surpresa do livro.

De forma dialógica e interdisciplinar, o texto também é constituído por observações nas quais o sujeito-narrador dialoga e esclarece para o sujeito-leitor discursos proferidos anteriormente ou, ainda, mobiliza informações novas, resignificando o discurso bíblico. Em consonância com o texto verbal, a obra é repleta de ilustrações que orientam e contribuem para a constituição de efeitos de sentido cômicos e humorísticos. Por meio de uma linguagem informal, o texto também apresenta o uso de gírias, o que contribui para compor um cenário discursivo irônico sobre a mitologia do primeiro livro da Bíblia.

Para analisar o presente texto literário, inscrevemo-nos teoricamente nos estudos da Análise do Discurso (AD) preconizada pelo francês Michel Pêcheux, a qual busca desconstruir sentidos óbvios, por meio de uma rede conceitual que mobiliza,

Building the way

principalmente, os conceitos de sujeito, discurso, formação discursiva, formação ideológica, memória discursiva e condições de produção.

Nesse sentido, desenvolvemos as análises discursivas dos dizeres e das imagens que compõem o texto literário, com foco nos pontos de ruptura com os sentidos cristalizados pelo discurso religioso bíblico. Esse embate discursivo foi analisado no intuito de identificar os efeitos de sentido que emergem das ressignificações que a enunciação literária propõe para os principais signos ideológicos (BAKHTIN, 2006) com gravitam em torno da mitologia apresentada no livro de Gênesis, tais como Deus, Adão, Eva e a própria concepção dos acontecimentos que os relacionam.

Por meio das análises dos enunciados do texto de Millôr, buscamos identificar sentidos que propõe falhas atribuídas ao Criador no ato de Sua criação, não só do Homem ou da Mulher, mas do universo. Além de identificar os efeitos de sentido que fazem emergir processos de transgressão dos já-ditos da Bíblia, nossas análises do embate entre o discurso literário e o discurso bíblico também buscam demonstrar que os sujeitos sociais são atravessados por inúmeras ideologias e formações discursivas, das quais podem se inscrever ou não, mas que os constituem e são responsáveis por memórias discursivas que ditam sentidos sobre o bem e o mal, o certo e o errado, o profano e o sagrado.

Aspectos teóricos de análise do discurso

Em linhas gerais, os estudos do discurso representam uma prática discursiva que considera elementos da exterioridade linguística como determinantes para a construção dos sentidos. Para os estudos de linha pecheutiana, as formações ideológicas atravessam a noção de sujeito, tomado como atravessado e constitutivo de suas crenças ideológicas, as quais refletem e refratam o seu pensar, seu agir no mundo e sua forma de produzir verdades.

O sujeito, então, deve ser tomado como “uma instância em constante alteridade descontínua na qual os processos históricos e ideológicos como os processos simbólicos que envolvem a figura do Outro psicanalítico se imbricam” (FRANÇA, 2009, p. 28). A partir dessa concepção psicanalítica, o sujeito pecheutiano é afetado por duas impressões que o autor denominou como esquecimentos. No esquecimento nº 1, o sujeito tem a ilusão de ser o criador do seu discurso e da origem

Building the way

do sentido que dele emana, não considera qualquer exterioridade em sua formação discursiva. Já no esquecimento nº 2, o sujeito tem a ilusão de que controla o sentido de tudo que diz, ou seja, acredita que o interlocutor não atribuirá ao seu discurso nenhum outro sentido, a não ser aquele que determinou em seu ato de fala.

Tais esquecimentos constituem processos de ilusão os quais o sujeito está inserido, já que sabemos que as formações ideológicas que constituem o sujeito dão-se através da sua inserção social e inscrição discursiva em várias instituições (escola, igreja, família, etc.) e grupos sociais. Dessa forma, tudo o que é dito pelo sujeito é um dito-jamais-dito, ou seja, nenhum discurso é totalmente original, parte sempre de um já-dito que se incorpora à enunciação. Sabemos ainda que, a partir de uma manifestação discursiva, podem surgir diversos sentidos, interpretações que podem dar origem a diferentes significados de acordo com suas inscrições ideológicas.

Partindo da ideia de que os dizeres são constituídos por processos ideológicos, é importante reforçar que uma formação ideológica só se materializa no âmbito da interação entre os sujeitos por meio da enunciação, de um dizer. Nesse sentido, a formação discursiva (FD) é a materialização da formação ideológica (FI) em enunciados, ou seja, é o espaço em que as crenças e os valores de verdade, que constituem e interpelam o sujeito do discurso, se materializam em processos de enunciação.

Ao definir as FDs, Pêcheux (1997) diz que se trata de uma conjuntura que determina *o que pode e deve ser dito*. Assim, ainda que as FDs sejam antagônicas, ou seja, tratem de temas ideológicos de forma contrária ostensiva, é importante reconhecer que elas dialogam em sua dependência ao interdiscurso, tomado como um processo de reconfiguração incessante no qual os saberes que constituem as FDs em uma conjuntura discursiva determinada.

Dessa compreensão, consideramos essencial mobilizarmos o conceito de memória discursiva de Pêcheux (2010), de modo a reconhecê-la em “numa esfera coletiva e social, responsável por produzir as condições necessárias de um funcionamento discursivo e, conseqüentemente, para a interpretabilidade de textos” (FRANÇA, 2015, p. 3). Assim, é sob os espaços interdiscursivos das redes de memória que os dizeres podem retomar sentidos cristalizados, mas também instaurar processos de desestabilização dos sentidos implícitos.

Sobre o conceito de memória, Pêcheux nos diz que:

Building the way

Haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento: - um jogo de força que visa manter uma regularização existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo; – mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos” (PÊCHEUX, 2010, p. 53 – grifos do autor).

125

Sendo assim, é possível reconhecer que o autor reconhecer haver um embate entre as redes regulatórias da memória e um acontecimento discursivo novo. Logo, se de um lado existem forças que estabilizam os sentidos postos, do outro há forças que insistem na desregulação e na perturbação dos já-ditos. Portanto, ainda que retome já-ditos, é possível reconhecer que um acontecimento discursivo novo tem potencial de dissolvê-la, provocar fissuras, desestabilizar verdades e deslocar os espaços de memória.

Nesse sentido, quando lançamos um olhar analítico para o texto literário em estudo, entendemos que as redes de memória cristalizadas sobre a Bíblia concorrem com a obra de Millôr, aqui tomada como um acontecimento discursivo novo, responsável por deformar os já-ditos sobre a Gênesis e sobre a mitologia bíblica. De tal modo, ao lançar um gesto de interpretação para *A verdadeira história do Paraíso*, buscamos identificar as redes de memória discursiva que competem quando a FD bíblica e a FD literária estabelecem um diálogo conflitivo, uma vez que aludem ao mesmo objeto ideológico de modos diferentes.

Considerações discursivas sobre o discurso religioso

Tomado como cristalizado, o discurso religioso é entendido por Orlandi (1987) como sendo autoritário, como aquele em que a “reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida” (GRIGOLETTO, 2003, p. 37 - grifos da autora).

Se a reversibilidade tende a zero, é possível entendermos que o discurso religioso não oferece muitos espaços para diálogos ou mudanças de sentido, uma vez que, na maioria dos casos, é proferido como verdade e deve ser recebido pelo interlocutor como a verdade pronunciada pelo Sujeito-Deus (ou por seus porta-vozes autorizados) por meio das enunciações discursivas que emergem das escrituras bíblicas. Assim, a ideia de livre arbítrio deve ser entendida em sua ambiguidade, uma

Building the way

vez que o discurso religioso carrega em si tanto a noção de liberdade, quanto a de coerção (ORLANDI, 1987).

Logo, sob a égide do livre arbítrio, os sujeitos inscritos nas FD bíblicas e no discurso religioso devem espelhar-se e obedecer, uma vez que se trata da fala de Deus. Entendemos, nesse sentido, o discurso religioso como autoritário, alicerçado em FI dogmáticas, as quais produzem já-ditos sobre a Bíblia que a colocam como verdade inquestionável. É nessa ótica que instauramos o embate entre o texto literário de Millôr e as tradicionais e cristalizadas escrituras bíblicas, de modo a lançar um olhar sobre os efeitos de sentido transgressores que retomam o dogma e o desloca.

Embates de sentidos em *A verdadeira história do Paraíso*

Antes de iniciarmos as análises discursivas dos efeitos de sentido e das redes de memória que se configuram na obra de Millôr, consideramos necessário retomar os principais acontecimentos que constituem o referido texto bíblico, como forma de apresentar os sentidos cristalizados que alicerçam as memórias sobre as Escrituras, bem como de facilitar a percepção do jogo de força que desregula e perturba a rede dos implícitos sobre a Gênesis.

O discurso bíblico da Gênesis

Atribuído a Moises, o primeiro livro bíblico narra a criação “do céu e da terra e de tudo o que neles contém” (Gn. 1). Os quatro primeiros capítulos destinam-se a falar dos sete dias em que Deus fez o universo. Tudo começou com a criação dos céus e da Terra, uma vez que se tratava de um lugar vazio e escuro, sem nenhuma forma de vida. Assim, Deus criou a luz e a separou das trevas, ou seja, separou o dia e a noite e esse foi o primeiro dia da criação.

No segundo dia, Deus separou as águas das águas, formando entre elas uma expansão que chamou céu. Ele então juntou as águas debaixo dos céus para que aparecesse a parte seca, e esta chamou de Terra e águas juntas Mares. À Terra, ordenou que produzisse árvores frutíferas que dessem frutos, e este foi o terceiro dia. No quarto dia, criou o Sol para iluminar o dia, a Lua para iluminar a noite e as estrelas, colocando-os no céu para diferenciar dia e noite. Então, Deus ordenou que as águas produzissem abundantemente répteis viventes e que estes se multiplicassem nos

Building the way

mares, assim nasceram todos os animais marinhos. Na expansão dos céus foi ordenado o aparecimento de ave de asas para voarem sob os céus. E assim deu-se o quinto dia da criação bíblica.

No sexto dia, Deus criou todos os animais selvagens e domésticos para viverem na Terra. Deus resolveu, então, criar o homem à sua imagem, “à sua imagem e semelhança Deus o criou” (Gn. 1,27), então homem e mulher foram criados, fecundos, para que multiplicassem e enchessem a terra. Disse-lhes que seriam dominadores de todas as outras formas viventes e que na terra encontrariam seu mantimento. Depois de ver que tudo o que tinha feito era bom e agradável, no sétimo dia, Deus descansou, e santificou o sétimo dia.

Não havia, ainda, sobre a terra nenhuma planta, pois Deus ainda não havia feito chover e não havia o homem para lavrar o solo. Então criou o homem do pó da terra e soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida e, assim, o homem passou a ser alma vivente. Deus então plantou o jardim do Éden e pôs nele o homem para viver e, no meio de tantas árvores frutíferas, colocou a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e mal. Deus disse então ao homem que de todas as árvores poderia comer, exceto daquela (qual é esta árvore?), porque no dia que dela comesse morreria.

Pensou Deus que não era bom que o homem ficasse sozinho e resolveu fazer para ele uma companheira. Trouxe Adão para nomear todos os animais, e o fez cair em um profundo sono. Assim que o homem adormeceu, Deus tirou dele uma costela e criou a mulher e, estando ambos diante um do outro nus não se envergonharam. Segundo o texto, em determinado momento, a serpente, o mais sagaz dos animais selváticos que Deus tinha criado, disse à mulher que não havia problemas em comer o fruto da árvore dita proibida por Deus. Adão e Eva comem o fruto e, de forma reveladora, têm suas visões abertas e se percebem nus.

Os dois correm para se cobrir e, ao ouvirem a voz do Senhor Deus que passeava pelo jardim, se esconderam entre as árvores. Adão diz a Deus que estava nu e, por isso, havia se escondido. Então Deus o indagou quem o havia dito que estava nu, perguntando-o se havia comido o fruto da árvore proibida. Adão respondeu que Eva, a mulher que o deste por companheira, deu-lhe o fruto da árvore e ele o comeu. Perguntando a Eva por que o havia feito, ela respondeu que a serpente a enganara. Deus, então, amaldiçoou a serpente e disse à mulher que multiplicaria grandemente sua dor e esta seria submissa a seu marido.

Building the way

Por Adão ter dado ouvidos à mulher, Deus amaldiçoou a Terra por causa dele e, por castigo, disse que teria de trabalhar para viver até que um dia morresse e tornasse ao pó de que foi feito. Para que não comessem também da árvore da vida e vivessem para sempre, Deus então os expulsou do jardim do Éden e colocou querubins para guardarem o caminho da árvore sagrada.

Adão e Eva coabitaram e esta deu à luz a Caim, depois a Abel. Caim era lavrador e Abel pastor de ovelhas. Aconteceu que, em certo tempo, Caim trouxe do fruto da terra uma oferta a Deus e Abel também, de seu rebanho. O Senhor agradou-se da oferta de Abel e não da de Caim, que se irou. Caim chamou Abel para ir ao campo e, estando eles lá, matou seu irmão. Vendo que Abel estava morto, Deus amaldiçoou Caim, dizendo que ele seria fugitivo e errante pela Terra. Caim então disse que era tamanho seu castigo, que da presença do Senhor se esconderia e, quem com ele se encontrasse, mataria.

Deus então colocou um sinal em Caim, para que não fosse ferido de morte e disse que qualquer um que o matasse seria castigado sete vezes e este se retirou da Sua presença. Tempo depois, Adão tornou a conhecer sua mulher e ela deu à luz um filho e o chamou de Sete, porque ele era a “semente em lugar de Abel” (Gn. 4, 25). E como os homens começaram a se multiplicar sobre a Terra, Deus viu que a maldade se multiplicara e entristeceu-se.

Embora represente somente um resumo da Gênesis, essa retomada é importante para que as memórias discursivas mobilizadas pelo texto de Millôr possam ser associadas aos principais acontecimentos descritos no livro da Bíblia aqui em foco. Passaremos, agora, para as análises discursivas de *A verdadeira história do Paraíso*, de modo a identificar sentidos e formações discursivas que desestabilizam memórias cristalizadas sobre o discurso bíblico.

A desregulação dos já-ditos bíblicos em *A Verdadeira História do Paraíso*

O livro *A Verdadeira História do Paraíso* é iniciado pelo autor com uma citação do dramaturgo inglês George Bernard Shaw (1856-1950), que vem antes até do prefácio: “Sempre desprezei Adão por ter precisado da tentação de Eva (como esta precisou da tentação da serpente) para comer o fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Eu teria devorado todas as maçãs assim que o dono virasse as costas” (SHAW *apud* FERNANDES, 2006, p. 5).

Building the way

A partir dessa citação, podemos perceber que o tom discursivo aqui instaurado não dialogará de forma a confirmar sentidos relacionados à Bíblia Sagrada, pois a escolha da citação já demonstra um desejo de questionamento e transgressão, ou seja, a construção de uma ideia contrária ao princípio da obediência a Deus pregado pelo Livro Sagrado. Afirmamos isso porque os dizeres de Shaw expõem um discurso que despreza a falta de iniciativa de Adão e Eva, em não terem logo comido o fruto proibido, mas de precisarem ser tentados para tal.

A narrativa, então, prossegue com a convocação do Todo-Poderoso a todos os anjos, arcanjos e querubins, por meio da enunciação:

Meus amigos, vamos ter uma semana cheia. Resolvi criar o Universo e, dentro dele, a Terra e o Paraíso. Além da Terra farei o Sol, a Floresta, os animais, os minerais, a Lua, as estrelas, o Homem e a Mulher. E devemos fazer tudo isso muito depressa, pois temos que descansar no domingo. E no sábado, depois do meio-dia (FERNANDES, 2006, p. 20).

Após a declaração, houve o lançamento da *Pedra Fundamental*, segurada pelos anjos enquanto o Criador decidia o que fazer, afinal, “Ele decidiu lançar o mundo ao acaso” (FERNANDES, 2006, p. 22), o qual ficou, por sua vez, girando em lugar instável, por conta própria. Antes de continuar a história, o sujeito-narrador observa que a Terra era quadrada e, após séculos de rotação, ficou redonda. Aqui notamos a ironia do texto literário que rompe com os já-ditos sobre o divino, aludindo à ideia de que a Terra só ficou redonda porque Deus não sabia exatamente o que fazer com ela.

Seguindo a desconstrução do processo bíblico de criação do universo, o Deus literário decidiu que trabalhar no escuro era difícil, então disse *Fiat Lux* e foi feita a luz, em seguida a Lua, as estrelas e, então, dividiu o dia e a noite. De forma irônica, o texto alude ao surgimento do primeiro crítico que indagou “Por que o Senhor não deixa só o sol? É muito mais econômico!” Fez então os minerais e os vegetais e todos os vegetais eram bons e belos e podiam ser comidos, mas bem no centro do Paraíso havia a “ameaçadora Árvore da Ciência do Bem e do Mal”.

Mostrando Deus uma parreira a um anjo, Ele diz: “isto aqui é uma parreira, futuro guarda-roupa de Adão e Eva” (FERNANDES, 2006, p. 27), e o tempo que poderia levar na sua criação. Assim, o sujeito-narrador satiriza à ideia da criação, dizendo que a Terra foi feita originalmente quadrada. Valendo do discurso humorístico, o sujeito-narrador faz uma observação dizendo que “os especialistas em

Building the way

modas bíblicas jamais chegaram à conclusão se o guarda-roupa era uma figueira ou uma videira”.

Logo o Senhor fez os animais “o Leão, o Tigre, o Cavalo, a Girafa (vê-se nitidamente que a Girafa foi um erro de cálculo), as aves, os peixes...” (FERNANDES, 2006, p. 28). Notamos aqui uma crítica à ideia do mundo animal como criação da obra divina, o que ativa memórias relacionadas ao discurso científico da evolução das espécies, o qual, em muitos casos, entra em conflito ideológico com o discurso bíblico.

O sujeito-narrador enfatiza que Deus, como criou todos os animais, também criou a cobra, atribuindo a ela suas características persuasivas. Questionamos então, por que criar esse animal, sendo que providente o Todo-Poderoso sabia que esta, mais tarde, viria a persuadir a mulher para comer o fruto proibido, desencadeando os pecados terrenos. Assim, é possível reconhecer que o discurso literário remete ao texto bíblico original como forma de insinuar uma falha na criação, ou até mesmo uma certa permissividade do discurso divino.

Em seguida, Deus percebe que os animais começariam a sentir sede e decidiu criar um “elemento dessedentador” (FERNANDES, 2006, p. 33) de baixo custo. Procurando na própria natureza já criada, eliminou o urânio, o ouro, a prata e outros ingredientes que tornariam o “apacamento de sede um privilégio de ricos” (FERNANDES, 2006, p. 33). Notamos aqui uma crítica às desigualdades sociais e à divisão da sociedade em ricos privilegiados e pobres.

Aludindo novamente ao discurso científico, relacionado aos elementos da tabela periódica, o texto diz que Ele conseguiu chegar a uma fórmula com uma mistura simples de duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio e, verificando que funcionava *milagrosamente*, fez então o Seu primeiro comercial: “Meus amigos, experimentem este dessedentador, uma pureza sem igual. Vai ser um sucesso eterno. Vou chamá-la de ÁGUA. ÁGUA, um produto divino. ÁGUA, inodora, insípida e incolor. ÁGUA, um produto caído do céu!” (FERNANDES, 2006, p. 33). Podemos notar a alusão do sujeito-narrador ao poder do discurso publicitário e da imprensa, ao fazer tal referência ao seu poder de comunicação e convencimento, acerca de produtos e opiniões.

Posteriormente, o sujeito-narrador enuncia que “as escrituras dizem que Deus criou todas as coisas sobre a face da Terra (FERNANDES, 2006, p. 36), porém, uma coisa ele garante que Deus não inventou a “SOMBRA” nessa “Ele não tinha pensado!” (FERNANDES, 2006, p. 38). Aludindo a técnicas tradicionais de

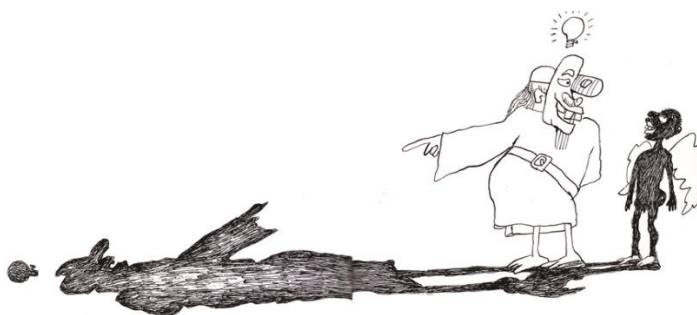
Building the way

brincadeiras e teatro de sombras, o sujeito-narrador enuncia que o habilidoso Deus utilizou a sombra para inventar animais como o cachorro, o pato “e, pegando um galho seco, inventou o Veado Galheiro” (FERNANDES, 2006, p. 39).

Em seguida, de forma a romper com as memórias sobre o ato da criação do primeiro homem, o texto literário diz que “OLHANDO A PRÓPRIA SOMBRA QUE RESOLVEU CRIAR UM SER À SUA SEMELHANÇA” (FERNANDES, 2006, p. 40-41):

131

Imagem 1: A decisão da criação do Homem a semelhança de Deus



Fonte: Fernandes (2006).

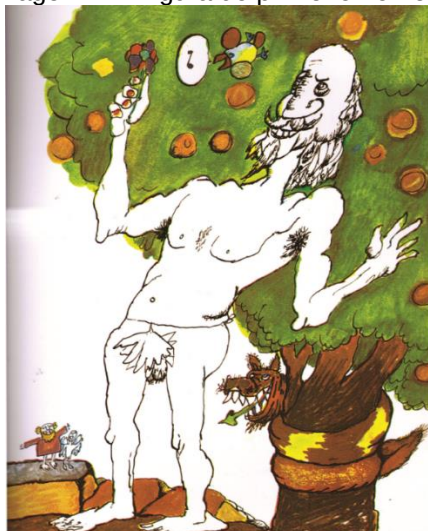
O texto conta que Adão foi criado e já nascera grande e pronto, não tendo passado por “crises de identidade da adolescência, nunca ouviu falar em *generation gap*, embora também jamais pudesse pôr a culpa de tudo em cima das gerações anteriores” (FERNANDES, 2006, p.42). Ao falar em *generation gap*, faz referência a um signo ideológico popularizado nos países ocidentais na década de 1960, que simbolizava a diferença entre a geração dos mais jovens e dos mais velhos, materializando, de músicas a questionamentos políticos, as lacunas culturais entre as mudanças de geração. Esse fosso geracional possibilitou mudanças às quais se inclinaram os jovens da década de 1960, principalmente a afronta contra as normas sociais, que eram refletidas em canções da época.

Assim, tal referência contemporânea questiona os já-ditos sobre a criação de Adão, uma vez que, como já nasceu adulto, não passou pelos tradicionais processos de amadurecimento do ser humano. É possível, inclusive, aludir à ideia de que o texto literário busca, com isso, demonstrar que o primeiro casal de seres humanos não teve a oportunidade de fortalecerem sua imagem e semelhança divina e, por conta disso, pecaram.

Building the way

O texto traz ainda que, a princípio, a figura de Adão não era muito máscula, pois como ainda não havia Eva, a masculinidade não era necessária, como podemos perceber na figura.

Imagem 2: A figura do primeiro homem.



Fonte: Fernandes (2006).

Aqui, também notamos uma referência à figura masculina tradicional, por meio de uma desconstrução da mesma, uma vez que o Adão literário não possui características viris que geralmente são atribuídas aos homens, como força, iniciativa ou poder de proteção. Ao invés disso, o que a figura demonstra é um primeiro homem, meigo e até mesmo afeminado.

Em uma observação, o sujeito-narrador diz que, na época em que foi criado, Adão não usava folha de parreira, no entanto o texto literário usaria para “agradar à Censura” (FERNANDES, 2006, p. 42). É sabido que a obra em análise foi escrita e publicada durante o sócio-histórico e ideológico do Regime Militar Brasileiro, o que contribui para que o autor, por meio dos dizeres que emergem do discurso literário, estabeleça relações discursivas que visem escapar dos mecanismos de controle da censura. No entanto, de forma irônica, o autor insere a folha de parreira como um elemento discursivo citado em seu texto, aludindo-a ao conservadorismo defendido por parte da elite da sociedade brasileira naquele contexto, a qual tinha no discurso bíblico e cristão seus instrumentos ideológicos de sustentação de seus princípios e crenças.

Essa construção discursiva com uso de metáforas que pode escapar aos mecanismos de controle do dizer de uma época aludem ao princípio das condições

Building the way

de produção definidas por Pêcheux (1997). Segundo o autor, as condições de produção entram na cena da abordagem do discurso como elementos que trazem questões da exterioridade e das formações imaginárias como constitutivas do mesmo. Assim, o sujeito-narrador estabelece um intertexto entre o signo ideológico da parreira como forma de denunciar, indiretamente, mecanismos de controle do dizer do período ditatorial.

133

Ao continuar a narrativa, o sujeito-narrador enuncia ter problemas para pintar Adão, pois em geral, quando se remete aos sentidos comumente representados em pinturas clássicas, ele tem barba quando está fora do Paraíso, mas quando estava lá dentro não tinha. Então, o enunciador conclui que “o castigo, por ter comido a maçã, foi fazer a barba, toda manhã” (FERNANDES, 2006, p. 44). Ainda que pareça uma interpretação até mesmo infantilizada de causa e consequência, o comentário permite efeitos de sentido que questionam os pilares ideológicos do discurso bíblico alicerçados no mito adâmico.

De volta à narrativa, por meio da alusão a ideias cristalizadas nas redes de memória do discurso machista, o sujeito-narrador enuncia que, durante muito tempo, discutiu-se se a mulher não havia sido criada primeiro que o homem. Mas conclui que não, pois, “se Deus tivesse feito a mulher antes do homem, vocês já imaginaram os palpites que ela ia dar na nossa confecção?” (FERNANDES, 2006, p. 46):

- Ih, Todo-Poderoso, não põe isso não, põe aquilo! Ah, que bobagem, que nariz feio! Deixa ele careca, Todo, deixa! Põe mais um olho, põe! Ah, pelo menos bota um vermelho e outro amarelo, bota! Puxa, Todo, você não faz nada do que eu peço, hein? É de barro também, é? Parece um macaco, Seu! Você errado, Todo-Poderoso! Ah, não põe dois braços não, deixa só eu com dois braços, deixa! Não põe boca não, põe uma tromba! Ficou pronto depressa, não foi? Você deixa eu soprar ele, deixa? Deixa que eu sopro! (FERNANDES, 2006, p. 48).

Essas passagens do texto literário retomam dizeres que associam a mulher a ideia de que fala muito, reclama demais e dá palpite em tudo. Novamente, de forma indireta, o discurso literário retoma memórias discursivas que alicerçam as vontades de verdade de uma sociedade, no caso, alusões preconceituosas e generalizantes que acabam por estabelecer crenças e sentidos que visam controlar e homogeneizar formas de dizer de homens e mulheres.

Em seguida no texto, o sujeito-narrador afirma que Adão não era muito bonito, pois Deus deixava a desejar como escultor e contava com a evolução para

Building the way

“melhorar sua obra”. Além da crítica à memória discursiva que alicerça a ideia de onipotência divina, há também uma interdiscursividade de uma FD antagônica à ideologia da criação da Gênesis, uma vez que a ideia de evolução remete à Teoria da Evolução de Charles Darwin. Assim, o texto literário promove um atravessamento do discurso bíblico com o discurso científico, inclusive insinuando que ambos podem coexistir, já que, aparentemente, Deus tinha noção de que as espécies evoluíam.

De modo a continuar a reescrita literária da Gênesis, o texto retoma e reescreve a conhecida passagem em que Deus deu a Adão o privilégio de batizar tudo. Segundo o sujeito-narrador, “tinha tanto talento para isso que todos os nomes que botou, pegaram” (FERNANDES, 2006, p. 49). Adão foi nomeando tudo e, segundo o sujeito-narrador, só se desconcentra de seu trabalho quando estava batizando alguns minerais e, acidentalmente, tropeçou em uma pedra, sendo a primeira vez que uma coisa foi chamada com outro nome. “Adão tinha criado a metáfora” (FERNANDES, 2006, p. 50).

Imagem 3: A criação da primeira metáfora.



Fonte: Fernandes (2006).

Aqui o discurso literário retoma uma relevante memória que alicerça os sentidos da criação na Bíblia: a ideia de criação dos signos, dos nomes das coisas. Aludindo à criação do primeiro xingamento, por conta do tropicão em uma pedra, o texto literário propõe a criação da metáfora, como se fosse a primeira vez que uma palavra fora usada fora do seu sentido literal.

Pêcheux (2006, p. 53) estabelece que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”, ou seja, o sentido nunca é literal ou único. Ele sempre será estabelecido em concordância com as condições de produção, sócio

Building the way

históricas e ideológicas do locutor. Tais princípios não somente alicerçam a concepção de discurso a qual nos inscrevemos, como também chancela as concepções e definições de literatura que trazem a polissemia e a metáfora como elementos constitutivos do dizer literário.

Em seguida, o sujeito-narrador diz que o Senhor viu que Adão parecia triste e resolveu dar-lhe uma companheira: “Assim que o homem dormiu, o Mestre tirou-lhe uma costela e...” (FERNANDES, 2006, p. 52). Aqui o sujeito-narrador divide *A Verdadeira História do Paraíso*, com um comercial, como se estivéssemos vendo uma novela, como podemos observar na figura abaixo:

Imagem 4: A divisão da história literária de Millôr.



Fonte: Fernandes (2006).

Tal recurso midiático é usado pelo texto literário como forma de considerar a criação de Eva como um clímax, uma nova e importante etapa no processo da criação. Com a costela, Deus conseguiu então criar a mulher e, segundo o texto, ela já começou a palpitar “Ih, Todo-Poderoso, quanto animal sem coloração! Muda isso! Pra floresta o que vai pegar mesmo é o estampado!” (FERNANDES, 2006, p. 56). Eva então começou a pintar os animais, impondo suas sugestões a Deus.

Além de uma nova retomada ao discurso machista que rotula padrões cristalizados de comportamento das mulheres, aqui também notamos uma desconstrução do discurso bíblico, uma vez que, nas Escrituras, não há alusões em que é permitida a mulher qualquer decisão ou imposição. Assim, ainda que exista a retomada das memórias preconceituosas sobre a mulher mandona ou palpiteira, também há um jogo de forças que visa desestabilizar essas redes de já-ditos, ao construir a imagem de uma mulher que impõe suas vontades de verdade, bem como a de um Deus que a quer ouvir.

O Todo-Poderoso faz então um discurso a Eva:

Minha cara, eu te criei porque o mundo estava meio vazio, e o homem, solitário. O Paraíso era perfeito e, portanto, sem futuro. As árvores, ninguém para criticá-las; os jardins, ninguém para modificá-los; as cobras, ninguém para ouvi-las. Foi por isso que eu te fiz. Ele nem percebeu e custará os séculos para percebê-lo. É lento, o homenzinho. Mas, hás de compreender, foi a primeira criatura humana que fiz em toda a minha vida. Tive que usar argila, material precário, embora maleável. Já em ti usei a cartilagem de Adão, matéria mais difícil de trabalhar, mais teimosa, porém mais nobre. Caprichei em tuas cordas vocais, poderás falar mais, e mais suavemente. Teu corpo é mais bem acabado, mais liso, mais redondo, mais móvel, e nele coloquei alguns detalhes que, penso, vão fazer muito sucesso pelos tempos afora. Olha Adão enquanto dorme; é teu. Ele pensara que és dele. Tu o dominarás sempre. Como escrava, como mãe, como mulher, concubina, vizinha, mulher do vizinho. Os deuses, meus descendentes; os profetas, meus *public-relations*, os legisladores, meus advogados; proibir-te-ão como luxúria, como adultério, como crime, e até como atentado ao pudor! Mas eles próprios não resistirão e chorarão como santos depois de pecarem contigo; como hereges, depois de, nos teus braços, negarem as próprias crenças; como traidores, depois de modificarem a Lei para servir-te. E tu, só de meneios, viverás. Nasces sábia, na certeza de todos os teus recursos, enquanto o Homem, rude e primário, terá que se esforçar a vida inteira para adquirir um pouco de bens que depositará humildemente no teu leito. Vai! Quando perguntei a ele se queria uma Mulher, e lhe expliquei que era um prazer acima de todos os outros, ele perguntou se era um banho de rio ainda melhor. Eu ri. O homem é um simplório. Ou um cínico. Ainda não o entendi bem, eu que o fiz, imagina agora os seus semelhantes (FERNANDES, 2006, p. 66-67).

Nessa passagem da narrativa, o discurso literário entra em embate com a imagem de mulher cristalizada pelas redes de memória da Bíblia, a qual prega a mulher como um ser submisso e servente ao homem, que está sempre à margem das decisões. No texto de Millôr, Eva é um ser dominante, que governará o homem, independentemente de sua posição. Estará sempre à frente dele inclusive no ato de fazê-lo pensar que é dominada. O papel da mulher na sociedade mudou muito ao passar dos anos e, nos dias atuais, ela pode e exerce todos os papéis que antes eram designados somente aos homens. A mulher lutou e tendo conseguido se aproximar de direitos de igualdade, afastando-se dos princípios bíblicos e sociais de que seu único papel era realizar os desejos do marido e cuidar dos filhos.

Ao citar “Os deuses, meus descendentes; os profetas, meus *public-relations*, os legisladores, meus advogados; proibir-te-ão como luxúria, como adultério, como crime, e até como atentado ao pudor!” (FERNANDES, 2006, p. 66), o

Building the way

sujeito-narrador afirma que a mulher será alvo de discussão, alvo da imprensa comunicativa. Que cometerá crimes, adultério, luxúria e será alvo de opressão.

Aqui o sujeito-narrador prevê e antecipa as conquistas das mulheres, uma vez que, para chegar onde estão hoje, precisaram de muitos movimentos libertários feministas. Isso também pode ser notado com o fato de que, na narrativa, Eva não tem uma fisionomia definida, aparecendo ora branca ora negra, com cabelos e corpos diferentes. Entendemos, nesse sentido, que a ideia de mulher do texto de Millôr rompe com uma imagem construída pelas representações artísticas sobre a Bíblia, as quais “pintam” Eva a partir de um padrão europeu de beleza.

O texto prossegue enunciando que apesar de tudo isso “só de meneios” viverá, ou seja, que manipulará a todos apenas com gestos, com o movimento do seu corpo “mais bem feito”, que é astuta e artil. Sabemos que, na sociedade moderna, muitas mulheres “vivem” do seu próprio corpo, é o caso de modelos, artistas ou garotas de programa. Assim vale aludir a ideia de que o corpo feminino é um discurso e, por isso, permite a associação a já-ditos que associação a feminilidade e a sedução a mecanismos de convencimento.

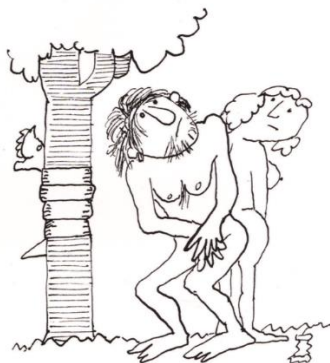
Na última parte do discurso a Eva, o sujeito-narrador demonstra que Deus sentiu prazer ao receber seu beijo:

Olha, ele acorda. Vai. Dá-me um beijo e vai. Hmmm, eu não pensava que fosse tão bom. Hmmm, ótimo! Vai, vai! Não é a mim que você deve tentar, menina! Vai, ele acorda. Vem vindo para cá. Olha a cara de espanto que faz. Sorri! Ah, eu vou me divertir muito nestes próximos séculos!’ (FERNANDES, 2006, p. 67)

Percebemos, nessa passagem, certa insinuação de que a figura divina possuía ímpetos humanos e carnaís. Assim, ao sugerir que o Todo-Poderoso se sentiu tentado por Eva, o discurso literário rompe novamente com a memória discursiva do discurso bíblico, a qual alicerça em seus já-ditos a figura de um Deus que é masculino, mas sem ímpetos sexuais e libidinosos, algo que não é absurdo ou blasfêmico na mitologia grega ou romana, nas quais há inúmeras lendas de relações sexuais entre deuses e humanos.

Quanto ao pecado original, o texto diz apenas que “o resto da história os leitores conhecem melhor do que eu” (FERNANDES, 2006, p. 68), considerando a história de Gênesis, o Homem seduzido pela Mulher que fora seduzida pela serpente, comeu o fruto proibido e eles descobriram “o Pudor” (FERNANDES, 2006, p. 70).

Imagem 5: A descoberta do pudor.



Fonte: Fernandes (2006).

Vale observar que o próprio texto literário remete à ideia de que há memórias discursivas sobre o mito de Adão e Eva, as quais são ativadas como forma de reconhecer seus já-ditos ou de identificar processos de deslocamento. Sobre isso, vale debatermos a questão do pudor e do sexo como efeitos de ressignificação das memórias bíblicas.

Ao se perceberem nus, Adão e Eva correm “até seu armário desembutido, pegaram algumas folhas de parreira, e se vestiram” (FERNANDES, 2006, p. 71). Ainda que o texto literário se valha do humor para discutir o discurso bíblico, a questão dos tabus relacionados ao sexo essas questões são pontuadas de uma forma mais intensa em:

O sexo que nós perdemos ou por que não escolheram outro fruto? Por mais que os homens de batina tentem tapear, o fato é que a maçã, na História Sagrada, significa essa palavra por tanto tempo oculta, escamoteada, falada em voz baixa ou dita na língua do P pelas crianças, quando há adultos por perto: Se-pé-qui-pi-ssô-pô. SEXO. Agora, perguntamos nós que tanto entendemos do assunto: por que a maçã, de tantos frutos insípidos provavelmente o mais insípido, foi servir de símbolo e, pior, modelo, para coisa tão fundamental? Numa enquete que fiz aqui no meu estúdio, a votação foi unânime: minhas trinta e oito secretárias (em sua maioria visitantes) declararam peremptoriamente que, se estivessem no Paraíso em lugar de Eva, e fossem tentadas por uma maçã, não teria havido expulsão, nem ódios, nem guerras e todas essas coisas que dizem originadas pelo gesto de desobediência do proto casal. Evidentemente devia haver outras frutas mais saborosas e mais suculentas no Paraíso. E, ao pensar nisso, choro de frustração, imaginando o sexo que nós perdemos. Sim, irmãos, pois se a maçã, tão sem gosto, corresponde ao sexo que temos, vocês já imaginaram o sexo que teríamos se a primeira dama nos tivesse tentado com um tamarindo bem maduro, desses de dar água na boca? Poderão objetar os mais espertinhos que o sexo - i.e.,

o fruto - não foi escolhido por Eva, mas determinando a priori pelo Todo-Poderoso, que exigiu a seus filhos não tocarem naquela árvore, porque exatamente aquela árvore era a - ai! - perdição. Mas está visto que o Senhor, que fez tantas com seus filhos terrenos, tapeou-os aí também: todas as árvores do Paraíso eram igualmente sexuais. Proibindo a macieira Ele levou o homem, fatalmente, a escolher o pior dos sexos. Dizem que em Marte, planeta melhor aquinhado pelo Senhor, o sexo é algo de realmente sensacional, múltiplo e prolongado. Sem falar em Vênus, onde, sabe-se, o homem e a mulher, quando foram expulsos de lá, já tinham comido de todas as árvores, sem contar que misturaram sucos, fizeram saladas de frutas, batidas, molhos, e ainda partiram para experiências mais complexas convidando todos os animais a participar do desrespeito geral, em sodomias inimagináveis. Deve-se a essa extraordinária providência e espírito experimental dos primeiros seres de Vênus, a fantástica variação e a incrível intensidade dos prazeres sexuais que possuem hoje os habitantes daquele notável planeta, fabricantes, aliás, de anticoncepcionais de eficiência inigualável.” (FERNANDES, 2006, p. 72-73)

No fragmento, temos a associação da maçã como fruta sem graça e, portanto, a insinuação de que o discurso bíblico prega a ideia de sexo como despudor, como algo que deve ser associado somente à reprodução.

Difundida pelos “homens de batina”, signo ideológico que pode ser compreendido como qualquer representante religioso que busca imprimir modelos de comportamento por meio do discurso bíblico, a maçã é símbolo do pecado original que se configura no ato sexual. No texto literário, há a desconstrução e o questionamento de alguns desses já-ditos, ao se apresentar o sexo como algo bom e “fundamental”, ou seja, que não pode deixar de ser praticado e que é gostoso.

Para remeter a essa ideia de um sexo negado pela Bíblia e, por conseguinte, pelas religiões que tomam as Escrituras como verdades, o texto literário diz que a escolha pela maçã não foi de Eva, mas do Senhor, fadando os seres humanos ao “pior” sexo, ou seja, ao sexo combatido como errado, como pecado.

O sujeito-narrador ainda satiriza o sexo na Terra, dizendo que em Marte o sexo é “sensacional, múltiplo e prolongado” e em Vênus, quando foram expulsos, Homem e Mulher já haviam comido de todos os frutos e ainda “fizeram saladas de frutas, batidas, molhos”. Logo, de forma folclórica e inverossímil, como na Bíblia, o texto literário enuncia que o sexo na Terra está em desvantagem por um designo divino, ou seja, por conta dos processos de castração ideológica que alicerçam o discurso bíblico, Deus escolher a maçã para punir os Homens com o pior sexo possível.

Building the way

Ao aludir aos anticoncepcionais, o fragmento também permite uma interdiscursividade com FDs antagônicas, ou seja, a ciência e a religião. Sabemos que o anticoncepcional é um remédio, um produto científico que previne as mulheres, casadas ou solteiras, da gravidez indesejada. Já para a religião, o sexo deveria acontecer somente depois do casamento e a utilização do anticoncepcional é uma forma de impedir o milagre divino da reprodução.

140

Após essa digressão sobre os aspectos discursivos e ideológicos relacionados à questão do sexo, o texto fala de quão furioso Deus ficou pelo desrespeito de Suas criaturas, mas também enuncia que “sendo Onisciente, Previdente e Onipresente, Deus sabia muito bem o que Adão e Eva iam fazer” (FERNANDES, 2006, p. 74). É nítida a crítica dirigida a figura mítica de Deus. Afinal, se Ele sabe de tudo, vê tudo e está em todos os lugares, o Senhor sabia exatamente o que ia acontecer. Dessa forma, ao questionar a onisciência divina, o texto literário desestabiliza os valores de verdade do discurso bíblico.

Depois de Adão e Eva saírem do Paraíso, expulsos por Deus, logo foram praticar “os prazeres do sexo” que haviam descoberto. Deus colocou um anjo para guardar a entrada do Paraíso para que eles não pudessem entrar lá novamente, como nos mostra a figura:

Imagem 6: A proibição de retorno ao Paraíso.



Fonte: Fernandes (2006).

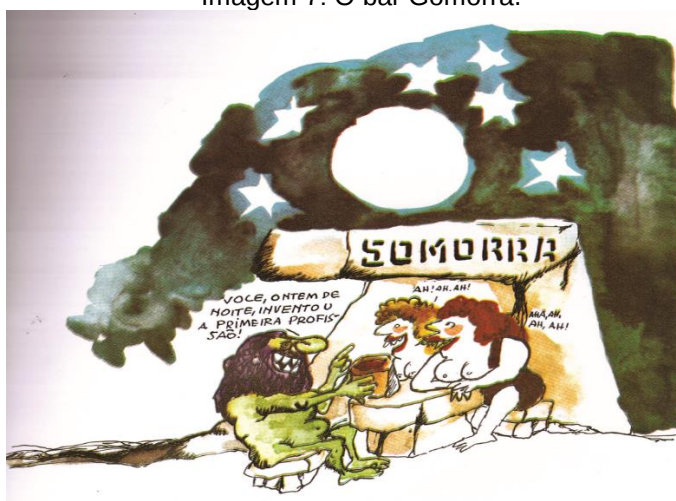
Vemos que o texto usa além do vigia, placas na entrada do Paraíso para sugerir, que Adão e Eva já não eram bem vindos. As placas apresentam os seguintes signos ideológicos: *only virgins*, ou seja, só virgens, o que Adão e Eva já não são, pois praticaram o pecado da carne; *proibida a entrada de animais racionais*, uma vez que

Building the way

eles são os únicos seres humanos e, portanto, os únicos tidos como animais racionais existentes; *verboten*, que quer dizer “proibido” em alemão; *stop*, que significa “pare” em inglês; *particular*, ou seja, agora o Paraíso é propriedade privada, a primeira da Terra; *tabu*, termo que se refere a um comportamento ou assunto inaceitável em determinada sociedade. Assim como a própria expulsão, as placas denotam efeitos de sentido relacionados às ideologias religiosas que tomam o sexo como tabu e pecado.

A enunciação literária continua com a saída de Adão e Eva do Paraíso e a mudança da família para o leste do Éden, agora com os três filhos: Abel, Caim e Set. Segundo o texto literário, Caim, diferente seus irmãos passava as noites em um bar chamado Somorra:

Imagem 7: O bar Gomorra.



Fonte: Fernandes (2006).

Ao nomear o bar de Somorra, o sujeito-narrador subverte os nomes das cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra, as quais, segundo a Bíblia, teriam sido destruídas por Deus, devido a prática de atos imorais, a perversidade de seus habitantes e a desobediência ao Senhor, com fogo e enxofre descidos do céu: “E a frente confirmação da destruição das cidades: Então, fez o SENHOR chover enxofre e fogo, da parte do SENHOR, sobre Sodoma e Gomorra. E subverteu aquelas cidades, e toda a capina, e todos os moradores das cidades, e o que nascia na terra.” (Gn. 19: 24-25). Ao analisarmos a ilustração, também notamos que o sujeito-narrador sugere que a primeira profissão da Terra foi a prostituição, enunciado que é comumente encontrado na cultura popular e no senso comum, enfatizando a imoralidade do povo.

Building the way

Dando seguimento ao texto, o sujeito-narrador conta que num determinado dia, Abel e Caim levaram oferendas ao Todo-Poderoso: “Este esnobou os presentes de Caim, para puni-lo pela sua boemia.” (FERNANDES, 2006, p. 86). Assim que o Senhor se retirou, Caim inventou de uma vez só, “o ciúme, o assassinato e o fratricídio” (FERNANDES, 2006, p. 86). Esse enunciado retoma os acontecimentos do discurso bíblico, ou seja, os já-ditos da memória são evocados para relatar a passagem de que Caim mata Abel por inveja. Logo, trata-se, segundo a mitologia bíblica, do primeiro ato de ciúme, do primeiro assassinato e do primeiro assassinato entre irmãos.

Após esses acontecimentos, o sujeito-narrador remete a possíveis arrependimentos relacionados à criação:

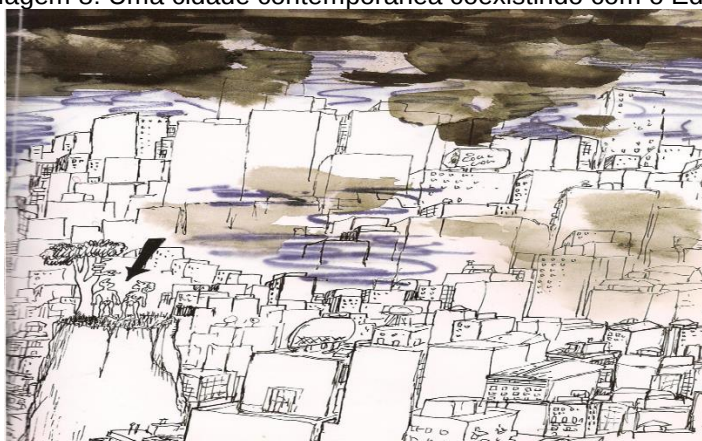
De qualquer forma, porém, dentro e fora do Paraíso, o Mundo não foi realmente uma criação sensata, feita com estudo e cálculo. Tem lá seus momentos de magnífica inspiração, tem lá seus pores-do-sol, suas auroras, mas o Senhor, de modo geral, fez tudo precipitadamente, num terrível exemplo de improvisação, de deixa-que-é-mole, de jeitinho, que até hoje os urbanistas, prospectistas e futurólogos continuam imitando. No caso do Todo-Poderoso, porém não há qualquer justificativa. Ninguém lhe deu prazo, ninguém lhe encomendou nada, não tinha data de entrega (FERNANDES, 2006, p. 90).

O texto literário critica a criação ao dizer que o mundo não foi encomendado, ou seja, podia ter sido feito com calma e muito mais bem pensado, melhor elaborado pelo Todo-Poderoso. O texto faz, assim, críticas à obra divina, enunciando que se o mundo tivesse sido criado com mais calma, paciência e atenção, poderia ser um lugar melhor, sem os pecados enunciados como abomináveis pela Bíblia, como a gula, a avareza, a soberba, etc., ou talvez não tivesse tantas injustiças como assassinatos, a fome ou doenças terminais, etc. De certa forma, o texto literário de Millôr propõe que, se criado com mais cuidado, o mundo e a humana seriam mais coerentes e justos.

Assim, aqui percebemos certo questionamento às bases sociais que se alicerçam no discurso religioso, uma vez que tal sustentação ideológica, por vezes, são facilmente questionadas em sua humanidade e viabilidade. Para tanto, o texto apresenta a seguinte ilustração:

Building the way

Imagem 8: Uma cidade contemporânea coexistindo com o Éden.



Fonte: Fernandes (2006).

É possível aludir à ideia de que a ilustração demonstra como os preceitos do discurso bíblico coexistem com os dias atuais e permanecem arraigados na sociedade contemporânea. É possível reconhecer efeitos de sentido no texto de Millôr que consideram essa sempre-já presença das memórias discursivas do discurso bíblico como nocivas para a construção de uma sociedade mais justa e menos cruel. Por isso, ao final, temos uma ilustração do próprio autor expulsando a figura de Deus da sua versão da história do Paraíso:

Imagem 9: A expulsão de Deus do Paraíso.



Fonte: Fernandes (2006).

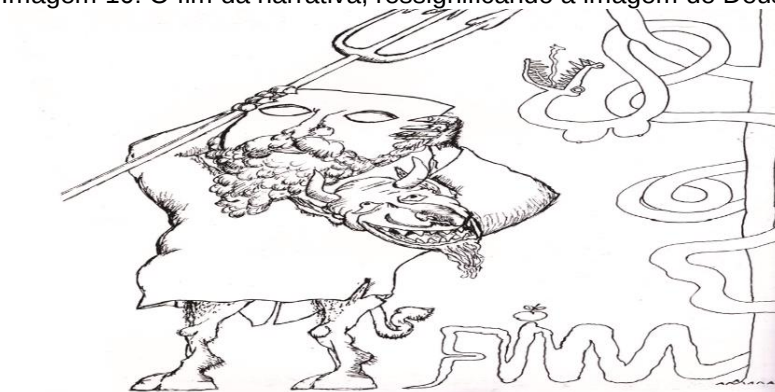
Como notamos, a representação literária de Millôr considera a criação divina como leviana e incompetente, afinal o Senhor devia ter pensado melhor no ato da criação e elaborá-la. O sujeito-narrador, agora discursivizado no discurso literário a partir de uma ilustração do próprio autor, aparece em uma máquina de datilografar, na qual acaba de revisar o discurso bíblico da Gênesis, reescrevendo-o e reconhecendo suas falhas e incoerências.

Building the way

É possível, com isso, observar a desconstrução discursiva das memórias sobre a figura divina, uma vez que Deus, na concepção do sujeito-narrador, aceita ser banido de sua e por sua própria criação. Ou seja, o Todo-Poderoso submisso a um homem, o contrário das memórias relacionadas ao discurso bíblico, em que Deus é a figura divina a qual tudo e todos devem submeter-se e obedecer. Assim, no discurso literário, é possível que Deus seja expulso do Paraíso.

O texto literário, então, encerra-se com a seguinte ilustração:

Imagem 10: O fim da narrativa, ressignificando a imagem de Deus.



Fonte: Fernandes (2006).

A ilustração sugere que o bem e mal coexistem nas pessoas, inclusive insinuando que em Deus também há uma faceta de maldade. Retirando a máscara de Deus, o discurso literário revela uma visão demoníaca, contrária à ideia de amor e bondade. Isso corrobora com uma representação do divino que se estende ao longo do texto, a qual desregula os pré-existentes de um bom Deus e propõe uma figura mais humanizada, que premedita e pune os atos carniais. Há, nesse sentido, em *A Verdadeira História do Paraíso*, uma retomada das memórias do discurso bíblico por meio da desmistificação da figura divina, colocando-a no plano humano sujeito a falhas.

Considerações finais

Nesse estudo, empreendemos uma análise discursiva de *A Verdadeira História do Paraíso*, de Millôr Fernandes, com foco na identificação de efeitos de sentido que desconstroem signos ideológicos e já-ditos cristalizados sobre a Bíblia, em especial o livro da Gênesis. Para que essa análise fosse consistente, buscamos

Building the way

interpretar os pontos de embate ideológico entre o discurso literário e o discurso à luz de alguns conceitos da AD, como sujeito, sentidos, formação discursiva, interdiscurso e memória discursiva.

Em nossas análises, identificamos pontos de desregulação que perturbam a rede dos implícitos sobre as escrituras, não essencialmente descredibilizando as narrativas bíblicas, mas propondo novas possibilidades de interpretação sobre os sujeitos e sentidos que compõem a Gênesis, a partir do atravessamento dialógico e interdiscursivo das FD humorística, literária, publicitária, política e contemporânea.

O Todo-Poderoso é enunciado como um ser carnal, capaz inclusive de ser tentado por uma mulher e passível de erro. Assim, Deus é tido na narrativa como um homem normal, que erra e é incapaz de criar um mundo imperfeito, no qual as injustiças fazem parte da vida das pessoas. Por meio da ironia e do humor, o discurso literário indaga a criação e, de certa forma, desloca sentidos, ao “desmascarar” o Sujeito-divino, valendo-se das memórias discursivas da Bíblia para questioná-la.

Ao concluirmos o presente trabalho, esperamos ter demonstrado o funcionamento de uma análise discursiva, bem como ter proporcionado aos possíveis leitores uma experiência de reconhecer sentidos outros sobre a Bíblia que emergem em *A Verdadeira História do Paraíso*. Assim, encerramos refletindo sobre o quanto os estudos em AD quanto a obra de Millôr nos propõe reconhecermos o quanto somos levados a crer em verdades estabelecidas por instituições e ideologias que nos cercam, as quais cristalizam discursos e sentidos sobre o mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. 34. ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

FERNANDES, M. *A verdadeira história do Paraíso*. Rio de Janeiro: Desiderada, 2006.

FRANÇA, Thyago Madeira. *Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux*. Interletras (Dourados), v. 4, p. 1-10-10, 2015.

Building the way

FRANÇA, Thyago Madeira. *Sentidos do signo “dízimo” no jornal “Folha Universal”*. 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

GRIGOLETTO, E. *Sob o rótulo do novo a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da renovação carismática católica*. Porto Alegre: UFGS, 2003.

146

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso*; princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Palavra, Fé, Poder*. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, M. O Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. *O Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 2010. p.49-57.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso* – Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.